



ETNOGRAFIA ONLINE: NEM TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA

Autores Paolla dos Santos Souza¹, Carlos Henrique Medeiros de Souza¹, Shirlena Campos de Souza Amaral¹

Instituição¹ UENF-Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, ² UENF-Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, ³ UENF-Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Resumo: O presente trabalho oferece a análise das práticas culturais de um grupo feminista na rede social Facebook, a partir do uso do método investigativo da pesquisa a netnografia, baseada na obra de Kozinets (2014). Desta forma, a proposta metodológica eleita, contribui para o desvelamento dos novos modos de interação e produção de sentidos, que exploram o autorretrato/retrato artístico com a cultura da autoexposição nas redes sociais digitais (SIBILIA, 2008). Alguns dados da pesquisa permitem destacar que experiências por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) marcam a figuração de novas subjetividades e fomentam os laços de sociabilidade e solidariedade entre as jovens feministas. Mediante a observação por cinco meses do grupo *ClothelessPortraits* das Minas, com o intuito de refletir sobre a relação entre arteativismo e ciberfeminismo contemporâneo, evidenciou-se que a interação social mediada pela tecnologia que acontece devido ao auxílio da internet e das tecnologias de informação e comunicação (TIC) incidiu na exigência de um novo direcionamento metodológico nessa pesquisa, que pudesse ser capaz de tratar de modo flexível e adaptável, comunidades e culturas online. Portanto, o uso da netnografia como método se fez essencial para o alcance do objeto de análise, ao apresentar uma metodologia de caráter qualitativo diferenciada, com características próprias de abordagem, manual ético revisado e procedimentos específicos para a pesquisa online.

Palavras-chave: cibercultura, *performance* ciberfeminista, netnografia.

Durante a ascensão da cibercultura cuja noção "aborda as implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e de

comunicação" (LÉVY, 1999, p. 17) que emana do ciberespaço "geografia móvel de informação", também denominado de "rede" segundo Pierre Lévy (1999), surgiu o movimento ciberfeminista.

O termo Ciberfeminismo, segundo Lemos (2009) foi cunhado concomitantemente pela teórica cultural britânica Sadie Plant e pelo coletivo artístico (ativo durante os anos 1991 a 1997) australiano VNS Matrix, que significa "Venus Matrix". Criado durante o momento em que a internet assumia pouco a pouco o seu caráter universal, uma tecnologia de conexão, o coletivo pôde então experimentar, por meio do polêmico manifesto ciberfeminista para o século XXI, uma internet que conduzia os seus primeiros passos à esfera pública.

Porém, foi durante a primeira conferência Ciberfeminista oficial que foi acordado a não definição do termo. Assim, foi elaborado e escrito em conjunto uma lista de 100 "Anti-Teses"¹, enumerando uma centena de coisas que o Ciberfeminismo não era.

Dentro da perspectiva de que os meios de comunicação agem como ferramentas de representação social, podendo expressar ideologia e o costume de determinada época, construindo assim uma nova realidade, podemos perceber que as mulheres sempre ficaram em segundo plano na trama da história ocidental. Muitas foram as tentativas delas para se colocarem como pessoas com reconhecimento social e político no mundo, como sujeitos. Questionaram os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, encabeçaram uma luta, um movimento organizado pelas primeiras feministas, que colaborou para o sufrágio feminino.

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança (PERROT, 2007, p. 15).

O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também em relação

¹ Essas "Anti-Teses" estão disponíveis no endereço: <http://www.obn.org/cfundef/100antitheses.html>. Acesso em: 20/03/2015.

aos anos 1960, 1970, até mesmo aos 1980 e 1990. Na verdade, vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. No movimento feminista a dialética viaja na velocidade da luz (COSTA, 2005, p. 11).

E o contexto de rede vem possibilitando um novo olhar, uma nova prática de se pensar o feminismo e uma nova história para as mulheres de todo o mundo que viram o computador como aliado. Mulheres inspiradas na teoria de Donna Haraway, teórica que releu os movimentos feministas para refletir as novas relações entre tecnologia e natureza. Relação que define outras possibilidades de atuação político-corporais para as mulheres, capaz de subverter a herança do sexismo presente nos dias atuais.

Como resultado, verifica-se, já na década de 90, a existência de uma corrente de pensamento artístico-crítico que deu origem ao movimento das mulheres que se autoproclamaram “ciberfeministas”. O termo Ciberfeminismo tem sua origem um pouco conturbada por não definir com detalhes seu surgimento e por apresentar inúmeros significados. Muitas foram e são as definições para o termo Ciberfeminismo. Ao analisarmos a história do seu aparecimento, elegemos para este trabalho, uma breve contextualização que atribui ao coletivo artístico australiano VNS Matrix em 1991, o principal precursor da experiência ciberfeminista. O grupo nasceu em Adelaide, Austrália, no início da década de 90. Fazia parte dele artistas e ativistas, sendo formado por quatro mulheres australianas: Josephine Starrs, Julianne Pierce, Francesca da Rimini e Virginia Barratt.

Elas foram as criadoras do Manifesto Ciberfeminista, que contemplava as ideias de Donna Haraway de como pregar o feminismo dentro das novas tecnologias e dos meios de comunicação para se organizar coletivamente na rede, apropriando-se do ciberespaço para fomentar o ativismo político, sendo assim uma homenagem à autora que de forma brilhante releu os movimentos feministas. O manifesto ficou conhecido como *Manifesto Ciberfeminista para o século XXI*.

Do ponto de vista teórico, vale ressaltar que o termo Ciberfeminismo deve ser compreendido como:

(...) a terminologia usada para designar a parte do movimento feminista que se compromete com questões como identidade e direitos da mulher dentro do âmbito do ciberespaço. O movimento conjectura sobre as mulheres e suas relações com computador, a Internet e, num spectrum mais amplo, as tecnologias de informação e comunicação (TICs). As ciberfeministas se utilizam da internet para, por exemplo, fortalecer seus programas educacionais e propagandas políticas. Na rede é fácil encontrar artigos, revistas e muitos sites com material sobre feminismo, e esses servem para conscientizar e mobilizar pessoas. A internet é também um grande facilitador para provocar cooperação local e global, tanto quanto em encontrando novas alianças quando em mantendo as já existentes (BRUNET; NATANSOHN, 2010, p. 1- 4).

Evidenciam-se, assim, novas práticas de sociabilidades que são difundidas a partir da CMC (comunicação mediada por computador), principalmente nas comunidades/páginas ou grupos que apresentam características de ações de enfrentamento político. O que motiva o ativismo digital, ou ciberativismo. Tal ativismo é apresentado por Castells (2013) como:

(...) ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet. O mesmo pode ser dito do movimento ambiental, o movimento das mulheres, vários movimentos pelos direitos humanos, movimentos de identidade étnica, movimentos religiosos, movimentos nacionalistas e dos defensores/proponentes de uma lista infindável de projetos culturais e causas políticas. O ciberespaço tornou-se uma ágora eletrônica global em que a diversidade da divergência humana explode numa cacofonia de sotaques (CASTELLS, 2003, p. 115).

Como é o caso de grupos e comunidades/páginas ditas feministas presentes no *Facebook* que fomentam o debate do Feminismo, cuja essência é problematizar a cultura patriarcal, as relações de gênero e as violências, simbólica e física, que as mulheres sofrem devido ao machismo.

São inúmeras páginas/comunidades, hoje, no *Facebook* que apresentam perspectivas feministas, cujos objetivos essenciais são enfatizar e fomentar o debate sobre a desconstrução imagética de que Feminismo é o oposto de machismo. Quando se reafirma esta ideia, estamos colocando os dois termos no mesmo nível de complexidade. Machismo e Feminismo não são similares, o primeiro é um sistema muito bem institucionalizado de dominação, ao passo

que o segundo é um movimento social que busca lutar pela liberdade, equidade e igualdade entre os gêneros.

A interação social mediada pela tecnologia que acontece devido ao auxílio da internet e das tecnologias de informação e comunicação (TIC) exige neste trabalho um novo direcionamento metodológico, que seja capaz de abordar de modo flexível e adaptável, comunidades e culturas online.

Os cientistas sociais chegam cada vez mais à conclusão de que não podem mais compreender adequadamente muitas das facetas mais importantes da vida social e cultural sem incorporar a internet e as comunicações mediadas por computador em seus estudos. Existe uma distinção útil entre a vida social online e os mundos sociais da “vida real”? Cada vez mais, a resposta parece ser não. As duas se mesclaram em um mundo: o mundo da vida real como as pessoas o vive. É um mundo que inclui o uso da tecnologia para se comunicar, debater, socializar, expressar e compreender (KOZINETS, 2014, p.10-11).

Portanto, o uso da netnografia como método se fez essencial para chegarmos até o objeto de análise que, pelos resultados obtidos, comprovou que as expressões do ciberfeminismo na atualidade são repletas de uma arte-ativista online, verificada no “Clotheless Portraits das Minas”. Porém, antes de darmos início ao trabalho desenvolvido nesta comunidade, é importante entender o conceito netnográfico e suas técnicas, considerando que a netnografia nesta pesquisa é mais que uma adaptação do modelo antropológico tradicional (a etnografia) ao ciberespaço, é uma metodologia de caráter qualitativo diferenciado, com características próprias de abordagem, manual ético revisado e procedimentos específicos para a pesquisa online.

A netnografia difere de outra pesquisa qualitativa na internet porque ela oferece, sob a rubrica de um único termo, um conjunto rigoroso de diretrizes para a realização de etnografia mediada por computador e também, de maneira importante, sua integração com outras formas de pesquisa cultural (KOZINETS, 2014, p.23).

Robert V. Kozinets (2014), em seu livro “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online”, discute a importância de se pensar a netnografia como método de pesquisa. Com deslocamentos respaldados em grandes pensadores da antropologia, ele admite o certo conflito entre a etnografia e a

netnografia, que embora relacionadas, tendem a recair num preconceito sobre a experiência do fazer netnográfico, o que faz refletir na validade do método, mostrando o porquê deste ser capaz de despertar algum tipo de resistência dos pesquisadores mais tradicionais que veem a pesquisa netnográfica menos autêntica por não ter a “interação face a face e a retórica de ter se deslocado para um remoto campo experimental” (HINE, 2000, p.10 citado por KOZINETTS, 2014, p.64).

Este “remoto campo experimental”, **é o lugar** da pesquisa etnográfica, que só pode ser considerado lugar uma vez que seja “(...) necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, se define por uma estabilidade mínima” (AUGÉ, 1994, p.53). Grifo nosso. Quanto aos não-lugares, o autor esclarece:

A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994, p.73)

E é no ciberespaço, no espaço virtual, o lugar onde se encontram as comunidades online, que muitas vezes são confundidas pelo senso comum como sendo irreais por estarem fora do espaço concreto. Porém, o grande teórico sobre o assunto, cujo borbulhar da cibercultura é por ele refletido, afirma que “(...) uma comunidade virtual não é irreal, imaginária ou ilusória, trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio do novo correio eletrônico mundial.” (LÉVY, 1999, p.132). Para ele, a comunidade virtual nada mais é que um “lugar familiar de encontro e de troca”, portanto, à luz dessa ideia Levyana fica mais fácil compreender o ponto de partida no qual se sustenta o método netnográfico desta pesquisa e que para melhor compreensão trataremos também como sinônimo de etnografia virtual, como também é proposto por Kozinets (2014).

Os caminhos e desdobramentos desta pesquisa netnográfica contou com um método bastante apurado, verificado e retomado no livro de Kozinets (2014), contudo a (re) leitura de alguns teóricos da antropologia e filosofia fez-se necessária para falar com embasamento sobre a cultura online, de modo

que fique evidente a prática metodológica desta pesquisa mesmo com toda complexidade que ela pode/possa assumir.

Primeiramente resgatamos o que Hannah Arendt (1997) explicita acerca da palavra cultura:

A cultura — palavra e conceito — é de origem romana. A palavra "cultura" origina-se de *colere* — cultivar, habitar, tomar conta, criar e preservar — e relaciona-se essencialmente com o trato do homem com a natureza, no sentido do amanho e da preservação da natureza até que ela se torne adequada à habitação humana. Como tal, a palavra indica uma atitude de carinhoso cuidado e se coloca em aguda oposição a todo esforço de sujeitar a natureza à dominação do homem. Em decorrência, não se aplica apenas ao amanho do solo, mas pode designar, outrossim, o "culto" aos deuses, o cuidado com aquilo que lhes pertence (ARENDR, 1997, p.265).

A cultura, nessa perspectiva, tem ligação com o cultivo da terra, com o vínculo do homem com a natureza, no sentido da agricultura, que, por sua vez, “era tida em alta conta em Roma em oposição às artes poéticas e de fabrico” (ARENDR, 1997, p. 265). Como sugere a autora, para haver cultura algo precisa ser criado e cultivado.

Ao refletirmos sobre o conceito de cultura é importante perceber que esta não somente implica as ações que realizamos na natureza, mas como também o que a natureza realiza em nós. Não podemos compreender a cultura como algo estático, ao contrário, a cultura é exatamente a “tensão entre o que fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade” (EAGLETON, 2005, p. 14). Nesse sentido, como não se lembrar de Bauman (2014) quando nos diz que a cultura da sociedade contemporânea é líquida? E ainda, Lemos (2009), quando nos apresenta a “cultura da mobilidade”.

Para Bauman, a cultura “tornou-se uma ferramenta mais de mudança do que de conservação” (BAUMAN, 2014, sp). E isso se deve à cultura da mobilidade que segundo Lemos (2009) não surge com a sociedade industrial e sim faz parte da evolução da cultura humana como um todo. Para ele, “artefatos comunicacionais acentuam a mobilidade e aguçam a compreensão do nosso lugar no mundo e de nós mesmos” (LEMOS, 2009, p.29).

Ora, a cultura é dinâmica, não é inflexível, dura feito um rochedo. E concordamos com Guatarri e Rolnik (1996) quando afirmam que:

O conceito de cultura é profundamente reacionário. É uma maneira de separar atividades semióticas (atividades de orientação no mundo social e cósmico) em esferas, as quais os homens são remetidos. Tais atividades, assim isoladas, são padronizadas, instituídas potencial ou realmente e capitalizadas para o modo de semiotização dominante - ou seja, simplesmente cortadas de suas realidades políticas (GUATARRI e ROLNIK, 1996, p. 15).

Nesta perspectiva entendemos que a palavra cultura teve vários sentidos no decorrer da História. E, posteriormente, durante a evolução das ciências antropológicas, com o estruturalismo e o culturalismo, houve uma tentativa de libertar os estudos culturais dos sistemas de apreciação etnocêntricos. Especificamente a Antropologia, por adotar o trabalho de campo como marca da ação antropológica, a fim de aprimorar sua metodologia. Deve-se isto às influências teóricas de outras disciplinas, tais como a sociologia francesa, a linguística e a psicanálise. Sendo assim, foi possível sugerir diversos significados para o termo cultura e como pesquisá-la, principalmente as contribuições do movimento da Psicanálise:

A partir delas, pôde o cientista social de nosso tempo descobrir e difundir o conhecimento de que as crenças e práticas, os hábitos e costumes, significavam mais que a si próprios e eram mais que subprodutos do relacionamento das instituições econômicas e políticas; pôde descobrir serem estas práticas elementos significacionais capazes de encaminhar o espírito para domínios não frequentados habitualmente pela consciência e que estes eram os únicos por meio dos quais se tornava possível o entendimento do pensamento e do sentimento dos homens, e pôde descobrir, finalmente, que muito do sentido da vida social residia exatamente onde não existia sentido algum aparente (RODRIGUES, 1979, p.1).

De modo que, hoje, também podemos analisar os fenômenos culturais cultivados no ciberespaço, sob a luz de Geertz quando defende que o conceito de cultura é semiótico, ou seja, “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como essas teias” (1989, p.15). No caso deste trabalho, dentro dos estudos culturais contemporâneos que contemplam a relação entre sociedade e tecnologia, mídia e arte. Em que a ênfase da pesquisa recai sobre a resistência feminista no ciberespaço, no que tange às representações sociais como produção subjetiva do movimento ciberfeminista. Embora a análise dessa

dinâmica seja relativamente nova, pois aponta para a experiência de uma comunidade online, o conceito de etnografia e como aplicá-la no campo pesquisado se faz muito presente.

Fazer etnografia é: como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2001, p. 20).

A realidade analisada fundamentou-se dentro da perspectiva ética do trabalho netnográfico, não teve o “olho no olho”, comunicação essencial entre o pesquisador participante e o objeto investigado, segundo alguns pesquisadores e teóricos mais puristas em relação à etnografia tradicional. A troca se deu de modo em que a observação participante foi mediada pela tela do computador. Muda-se a forma de olhar? De fato não temos a mesma realidade daquele pesquisador que se desloca dentro do espaço físico para interagir com os seus “nativos”, mas nem por isso a observação e interação online são menos autênticas e não verdadeiras.

Todas as construções de “realidade” e “autenticidade”, viabilidade, e mesmo “adequação” e “holismo”, são, contudo, na etnografia e alhures, socialmente realizadas, contextualmente determinadas e dependentes de padrões que julgamos ou não julgamos aceitar. Não existe etnografia *realmente verdadeira*, nenhuma etnografia *de facto* perfeita que satisfaria todo purista metodológico (KOZINETS, 2014, p.64).

Para Kozinets (2014), “Quando compreendemos diversos novos fenômenos sociais, construímos os significados dos termos metodológicos de uma nova forma” (KOZINETS, 2014, p. 64). Portanto, levar em conta que a netnografia apresenta uma abordagem da pesquisa online de observação participante (como exige a etnografia no seu sentido mais tradicional) é fundamental para compreender a essência da netnografia.

Antes de começarmos a investigação e direcionarmos nosso olhar à pesquisa, foi preciso diferenciar a “pesquisa de comunidades online” da “pesquisa online em comunidades”. Pode não parecer, mas há uma dicotomia que faz toda a diferença no trabalho netnográfico.

Para Kozinets (2014), a “pesquisa em comunidades online” estuda alguns fenômenos diretamente envolvidos às comunidades eletrônicas e a cultura online. Já a “pesquisa online em comunidades” examina algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, podendo a netnografia desempenhar um papel auxiliar ou secundário, ao passo que a pesquisa em comunidades online possui maior tendência a ter um foco essencialmente netnográfico.

Devemos nos perguntar, em primeiro lugar, se estamos estudando uma comunidade online, ou conduzindo outra pesquisa com foco em fenômenos culturais ou comunais online, ou seus elementos. Em caso afirmativo, podemos ultimamente empregar a netnografia “pura”. Uma netnografia nesse caso é inteiramente apropriada, exaustiva e completa dentro de si mesma” (KOZINETS, 2014, p.66).

O trabalho de campo online eleito nesta pesquisa foi a netnografia pura, pois não tivemos elementos presenciais importantes. Houve a observação participante, mas não apresentou a “relativa importância da observação corporificada em vez da autorrepresentação verbal ou de outro tipo, e a necessidade de identificação pessoal” (KOZINETS, 2014, p.72).

A experiência netnográfica se deu a partir do momento da escolha do campo online apropriado, o porquê de termos eleito tal grupo do *Facebook*, e não um blog, por exemplo. Nesse sentido, Kozinets (2014) elenca os nomes e descrições do que ele chama de “fóruns eletrônicos de interação comunitária”. Para ele, os “*websites* de redes sociais são um excelente exemplo de uma forma híbrida que combina página da rede, correio eletrônico particular, (micro) blog, fóruns e acesso a sala de bate-papo” (KOZINETS, 2014, p. 85). Portanto, o *Facebook* está inserido nessa dinamização dos fóruns eletrônicos.

Além disso, o autor dá a seguinte contribuição para os pesquisadores que estão se aventurando pela netnografia, como é o nosso caso:

O que é importante em sua investigação netnográfica é que você experimente interação social online da forma como seus participantes a estão experimentando. Isso, com frequência, significa seguir muitos tipos, formas, e estruturas diferentes, de comunicação online – talvez passar, no mesmo dia, do acompanhamento de um grupo ou fórum de discussão vinculado a uma página de rede para a leitura e comentário em um blog, tornar-se fã de um grupo relacionado em um *website*

de rede social, participar de uma discussão em bate-papo online com outros membros daquele grupo (...) O *website* ou *websites* do campo de trabalho netnográfico devem combinar seu foco de pesquisa com as questões que você quer investigar (KOZINETS, 2014, p. 85).

Ao iniciar a pesquisa é necessário ter em mente que a netnografia muitas vezes vai além da observação e *download* discretos. Os netnógrafos são participantes culturais; eles interagem (KOZINETS, 2014, p. 135).

Em geral a participação será ativa e visível a outros membros da comunidade. Preferencialmente, ela deve contribuir para a comunidade e seus membros. Nem todo pesquisador netnográfico precisa estar envolvido em todo tipo de atividade comunitária. Mas todo pesquisador netnográfico precisa estar envolvido em alguns tipos de atividade comunitária. Um netnográfico provavelmente não vai querer liderar a comunidade, mas ele também não deve ser invisível (KOZINETS, 2014, p. 93).

O grupo investigado, *Clotheless Portraits das Minas*, conta com 440 membros. Quatrocentas e quarenta jovens mulheres, entre 18 e 27 anos de idade – faz parte da exigência de participação não permitir a inserção do sexo masculino no grupo.

Clotheless, expressão americana que significa "sem roupa" e "Portraits", que significa "retratos", compõem a ideia do projeto que surgiu de outro grupo também presente na rede social *Facebook*, o *Selfless portraits das minas*, projeto colaborativo de arte idealizado pela artista Suzana Maria, de 22 anos, que com um grupo fechado no *Facebook*, também exclusivo para mulheres, tendo cerca de 4.735 membros, propõe que as participantes sejam divididas em duplas por meio de um sorteio, cabendo a cada uma a responsabilidade de desenhar a outra. "Os homens tomam conta do meio da ilustração", afirma Suzana. "Então essa ideia surge para incentivar mais mulheres não só a desenhar, mas também divulgar seus trabalhos num espaço onde não haverá julgamento".²

Nas palavras da mentora do grupo:

O projeto *Selfless Portraits das Minas* é um projeto que visa à coletividade e o espírito de união feminina, desconstruindo os

² Entrevista disponível em: <http://thinkolga.com/2014/08/01/elas-por-elas-o-clube-de-retratos-femininos/>
Acesso em: 23/02/2015.

mais diversos padrões impostos pela sociedade sobre nós, mulheres. O grupo busca fazer isso através da troca de retratos e experiências correlatas ao feminismo e a arte. É um grupo para todas aquelas que se identificam como mulheres, independente de como se identificam, de sua fisionomia, suas aspirações políticas. É um espaço múltiplo, para que todas se sintam abraçadas, se importando sempre com suas diferenças e transformando isso em pontos de luta, e de aprendizado. Todas as raízes do selfless são fundadas no feminismo. Existe espaço para todas as mulheres das mais diversas correntes, e até mesmo para aquelas que não se identificam com nenhuma e não se dizem feministas. É um espaço dedicado a mulheres. O grupo se propõe a todas essas premissas, sempre com muito respeito. Existem diversas regras de convivência do grupo. A principal delas é que mulheres devem estar no centro da discussão, o que faz com que a presença de homens seja veementemente excluída. Não são permitidas menções, referências, imagens, assuntos relacionado a homens. Mulheres são a única coisa que é importante de fato no grupo. (Suzana Maria, 22 anos).

Foram cinco meses observando o grupo *Clotheless Portraits das Minas* com o intuito de meditar sobre a relação entre arteativismo e ciberfeminismo contemporâneo. O grupo foi escolhido porque atende às características do arteativismo como expressão e *performance* do movimento feminista na Internet.

Clotheless Portraits das Minas é um grupo secreto presente no facebook e que somente mulheres maiores de idade têm acesso. Nesse espaço elas desenham umas às outras sem roupa. Desenhos estes baseados em autorretratos que as mesmas compartilham no grupo ou pelo email do grupo, ou seja, elas tiram uma espécie de *selfie* do corpo ou partes do corpo nu.

Tal iniciativa tem o objetivo de fazê-las se sentirem mais à vontade em relação ao próprio corpo à medida que vão desenhando e sendo desenhadas, como elas realmente estão em suas fotografias. A fotografia garante, assim, a ideia do corpo real, sem *photoshop*, como ele é de fato, livre e independente dos padrões estéticos que lhes são impostos todos os dias.

Buscando acompanhar este projeto, o desafio da pesquisa foi perceber de que forma o ciberfeminismo na atualidade, ao considerar o contexto atual das lutas feministas na Internet, se apresenta e se expressa. E que efeitos produzem, no curso de uma experiência sensível de resistência feminista, a partir do arteativismo, uma vez que na contemporaneidade este movimento

assume e se estabelece nas imagens de si, projetadas para o mundo, relacionando-se com o que Sibilia (2003) chama de “imperativo da visibilidade, a necessidade de exposição pessoal, *performance* da nossa sociedade contemporânea.

Porém, o que se observa no *Clotheless Portraits* das Minas, as exposições de fotografias com nudez por parte de algumas jovens, são expressões decorrentes da resistência feminista no ciberespaço, e colocam em questão o público e o privado das relações identitárias e a relação do movimento de mulheres com o corpo feminino. Ou seja, há no grupo uma exacerbação do eu, aquele que precisa ser visto para existir no ciberespaço, ou “talvez mais do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador” (RECUERO, 2014, p. 29).

Ao compartilharem suas fotografias no grupo, elas sustentam a percepção do Outro e constroem a percepção de si mesmas. Ora, somente pela linguagem - lugar da interação humana - conseguimos nos perceber no mundo, e o nível de complexidade existente dessa interação na Rede é o espaço desta pesquisa, que deve ser identificado, como aponta Recuero (2014), enquanto “espaços de expressão e construção de impressões” p.29. Por assim dizer, como espaço para a linguagem que por sua vez tem a sua função maior estabelecer a comunicação que possibilitará a interação.

Donath (2000), com base nos estudos de Simmel, aponta que grande parte do processo de sociabilidade está baseada nas impressões que os atores sociais percebem e constroem de quando iniciam sua interação. Essas impressões são em parte construídas pelos atores e em parte percebidas por eles (Goffman, 1975) como parte do papel social. Ribeiro (2005) defende que essas representações são possíveis graças à possibilidade de interação dos ambientes no ciberespaço, afirma o autor, é que a identidade desses é estabelecida e reconhecida pelos demais (RECUERO, 2014, p.29).

A partir disto, chamamos atenção para a linguagem fotográfica utilizada por elas, que exercerá o lugar central da interação. É a partir da fotografia de si compartilhada com o grupo que o diálogo é estendido. Entra em discussão o autorretrato como defesa da liberdade dos corpos femininos. Livres dos padrões machistas que fragmentam o corpo da mulher por meio de estereótipos de beleza corporal, patrocinados pela mídia sexista e elitista, que

idealiza o corpo da mulher conforme os padrões comerciais de perfeição e lucram com a indústria de beleza, podendo ocasionar alguns transtornos psicológicos e físicos àquelas mulheres que não se sentem representadas ou inseridas dentro do contexto cultural contemporâneo do corpo perfeito. Em contraste a essa ideia, as jovens mulheres do *Clotheless Portraits* das Minas, têm feito uma revolução por meio do autorretrato dos seus corpos nus, com o intuito de que eles sejam desenhados pela outras meninas presentes no grupo.

A ideia nesta interação é enxergar corpos reais que serão representados na arte, sem o modelo imposto pela indústria de consumo. No processo de construção da autoidentidade delas, o corpo a princípio talvez seja a parte mais importante para a narrativa do eu, o que significa que é por meio da disposição corporal que as participantes deste grupo expressarão seus sentimentos, ou como sugerem Rezende e Coelho (2010) em “A tensão entre sentir e expressar”, a representação deles, tensão esta que nada mais é que a linguagem comunicada consigo mesmo através da comunicação com os outros.

(...) a expressão dos sentimentos é vista como um domínio sujeito às regras sociais que regulam quando, como e para quem manifestar emoções. Em contrapartida, o sentimento em si seria uma reação da ordem do natural ou mesmo do biológico que pode ser distinguida das normas sociais. Seria, portanto, um fenômeno ao mesmo tempo individual, no sentido de particular a cada um, e comum a todos como seres humanos. Fundamental nessa visão é a concepção de que a pessoa possui uma dimensão interna e privada, que se distingue de sua apresentação pública. As emoções localizam-se assim nessa interioridade, surgindo daí a ideia de uma distinção entre o sentimento sentido e o sentimento expresso (p. 98-99).

Assim, conforme esses apontamentos, entendemos que para discutir a ideia de *sujeito* que transita no ciberespaço seria impossível não valorizar certas categorias como identidade, subjetividade, linguagem/língua/discurso e cultura, as quais perpassam e sustentam a abordagem pós-moderna.

Outro aspecto fundamental é a linguagem fragmentada que diz respeito ao nosso tempo: a imagem efêmera. Na medida em que as fotografias de si nas redes sociais digitais conservam a cultura da autoexposição, é relevante destacar, já que nesse estudo temos também uma preocupação com essa

questão que é extensível à arte, o caráter ficcional das expressões ciberfeministas contemporâneas, uma vez que estamos falando de corpos femininos expostos em nome de uma estética engajada em que vida e arte se aproximam. É como se o autorretrato fotográfico transformado em desenho pelo o olhar da outra fosse apenas uma personagem, cujo *eu* é transformado em *outro eu* devido à transposição do objeto real (autorretrato fotográfico) para o representado (desenho feito por outra a partir da fotografia).

É por isso que a arte ativista na contemporaneidade também pode ser interpretada por meio de imagens que buscam a mudança social, e independe da sua forma de mediação. Seja no espaço físico ou virtual, toda intervenção apresentará efeitos políticos, uma vez que o pessoal é político. Não é à toa que o movimento ciberfeminista contemporâneo anuncia a construção de uma prática artística em que os relatos pessoais serão expressos para irem de encontro aos mecanismos de controle da sociedade atual. E são em grupos como esses, nos quais investigamos que se concentram as micropolíticas de resistência, que provocam a reflexão.



Figura 1 – Autorretrato do *Clotheless Portraits* das Minas
Fonte: Facebook – Acesso: 18/03/2015

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Crise da Cultura**. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 1ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL: UNESP, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira L. (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BRUNET, Karla Schuch e NATANSOHN, Leonor Graciela, **Ciberfeminismo, LabDebug e práticas artísticas**. 2010. Disponível em: http://karlabru.net/site/wp-content/uploads/2010/11/karla_graciela_labdebug.pdf
Acesso em: 12 ago. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **O Poder da Identidade**. 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COSTA, Ana Alice Alcantara: O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1967.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005

FREITAS, Verlaine. Indústria cultural: o empobrecimento narcísico da subjetividade. **Revista Kriterion**. Belo Horizonte, vol.46, n.112. 2005.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa**: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online; tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMOS, Marina. **Ciberfeminismo**: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Comunicação Social, PUCSP. São Paulo, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEVY, Pierre. **A máquina universo**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

PERROT, Michelle, O silêncio que “fala” pelo corpo da mulher, Entrevista concedida a Marco Antônio Corteleti, web. In: **Boletim Informativo UFMG**, n. 1279, ano 26, p.4, 2000. Disponível em: <http://www.ufmg.br/boletim/bol1279/pag4.html>

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Pós-humano por quê? **Revista USP**, São Paulo, n.74, p. 126-137, jun-ago 2007.

SCHECHNER, Richard. **Antropologia e performance de Richard Schechner**. Org. Zeca Ligiéro. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

_____. **O que é performance?** Tradução de R.L. Almeida, publicado sob licença creativa commons, classe3. Abril de 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.24-55, jan. 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14753>>. Acesso em: 08 fev. 2015.